

O ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

SERPA, ÂNGELO. O ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2007.

Pedro de Almeida Vasconcelos*

A publicação recente do livro do colega Angelo Serpa¹, sobre o espaço público, vem ampliar o debate sobre uma temática muito importante para a geografia urbana.

A vivência em Viena, durante o seu doutoramento em Planejamento Ambiental e Paisagístico; em São Paulo e Paris, em seus estágios de pós-doutorado na Universidade de São Paulo e no Instituto de Geografia da Université Paris IV, e, sobretudo os resultados dos seus projetos de pesquisa "Espaço Livre de Pesquisa-Ação" e "Territórios da Cultura Popular", vão servir de suporte aos diferentes contextos analisados pelo autor.

O livro conta com nove capítulos não numerados, além da Apresentação, na qual o autor precisa que o espaço público é "compreendido, sobretudo, como o espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade de ação política na contemporaneidade" (p. 9) e propõe uma conciliação de diferentes epistemologias da geografia (fenomenologia, dialética marxista, geografia humanístico-cultural, geografia crítica).

No primeiro capítulo, "Acessibilidade", é realizada a discussão teórico conceitual sobre o espaço público urbano, tema que o autor considera pouco discutido na Geografia (p. 15), embora destaque a contribuição do colega Paulo Gomes, no seu livro *A Condição Urbana*, de 2002. O autor vai buscar apoio nos "filósofos do espaço público" (p.16), como Jürgen Habermas e Hannah Arendt, e comenta também

textos de W. Benjamim, de H. Lefebvre, de C. Castoriadis e P. Bourdieu. Outro geógrafo citado é Rogério Haesbaert e seu livro de 1997 sobre desterritorialização. Em seguida, o autor trata da relação das classes médias com os espaços públicos, a partir do exame da acessibilidade aos parques de Salvador e de Paris. Comenta ainda a privatização dos espaços públicos pelas classes populares, citando, desta vez, casos em São Paulo. Faz ainda uma relação entre manifestações culturais e bairros populares e conclui com a discussão sobre a concepção e a implementação dos espaços públicos pelo Estado, apoiando-se em autores como R. Sennet, S. Keller, M. Souza, V. Del Rio, I. Joseph, O. Arantes e J. Baudrillard, além de retomar os filósofos Benjamim, Arendt e Habermas. Pelo balanço realizado, a contribuição dos geógrafos é minoritária, embora pudesse talvez ter sido enriquecida com o livro *L'espace public a l'épreuve*, de 2002, de Vincent Berdoulay.

O segundo capítulo é sobre a valorização imobiliária. Seu principal objetivo "é o de demonstrar o papel central do parque público em operações recentes de revitalização / requalificação de bairros "em crise", assim como de áreas industriais e comerciais decadentes" (p. 41). Também neste capítulo, Serpa procura verificar como esses parques podem atuar na valorização fundiária, tanto em Paris como em Salvador. O autor considera que as políticas públicas são voltadas para as novas classes médias e pondera que os novos equipamentos, por estarem distantes dos bairros periféricos,

*PhD, Pesquisador CNPq e Professor do Mestrado em Geografia da UFBA, do Departamento de Geografia e do Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da UCSAL. E-mail: pospq@ucsal.br

segregariam os mais humildes (p.51). Essa compreensão instiga uma problematização sobre diferentes concepções da noção de segregação, o que nos leva a perguntar se a prioridade a locais não periféricos seria um fator de segregação ou, do contrário, tratar-se-ia simplesmente de um dos indícios de abandono e pouca prioridade do Estado e da sociedade. O autor chama a atenção, por outro lado, para a expulsão dos residentes como consequência da renovação dos bairros populares de Paris. Quanto a Salvador, a localização periférica dos conjuntos habitacionais é criticada, assim como a ausência de amenidades físicas nos mesmos.

A "Visibilidade" é o título do terceiro e mais longo capítulo, elaborado em co-autoria com Francine Deloisy-Barthe. Ele é dividido em duas partes. Na primeira, como resultado do estágio pós-doutoral, são analisados os parques públicos de Paris, com a crítica do autor de que os projetos não destacam a valorização imobiliária que resulta de sua implantação. A segunda parte é voltada para os espaços públicos "de natureza" em Salvador, na qual os parques e jardins públicos são examinados a partir da discussão da sustentabilidade. Sete destes parques e jardins são examinados, assim como os seus gradientes de visibilidade. Além deles, as praias de Salvador também foram analisadas, incluindo as festas profanas e religiosas realizadas nas mesmas. O capítulo é concluído com a discussão da insegurança nos parques e jardins públicos da cidade.

O capítulo quatro aborda a interessante questão do turismo e da espetacularização, quando são utilizados os conceitos de "cidade-festiva", "festa-mercadoria" e "consumo cultural". Inicialmente o patrimônio é comentado como "cenário" para a festa e para o turismo. Um destaque é dado ao carnaval de Salvador, uma das maiores festas de rua do país, mas cujo caráter popular está sendo ameaçado pelos "blocos de trio" e pelos camarotes, cujo acesso é restrito à maior parte da população da cidade. O capítulo é concluído com a crítica da transformação da Bahia e de sua capital em produtos turístico-publicitários, com a

distribuição desigual dos equipamentos culturais na cidade.

O capítulo quinto, sobre a "natureza e intersubjetividade", é bastante original na medida em que resulta, em grande parte, da análise das respostas de 40 entrevistas realizadas com frequentadores dos jardins, parques, florestas e outras áreas de lazer em Viena e no seu entorno, procurando apreender a percepção subjetiva dos frequentadores sobre a natureza, com apoio, inclusive, de textos de C. Jung. Uma das respostas interessantes é da experiência de uma senhora de "caminhar na paisagem" (p.125), expressão que pode ser entendida na medida que na língua alemã, a noção de paisagem tem tanto sentido horizontal (como região) quanto vertical. A questão da natureza em si é discutida conceitualmente no início do capítulo.

O sexto capítulo, que trata da cultura e da participação popular, é iniciado com a discussão sobre a opinião pública, trazendo referências de autores como Rousseau, Kant, Tocqueville e Marx. A questão do que é cultura e seu entendimento pelos moradores dos bairros populares de Salvador é tratada a seguir. O autor discute a noção de "entre-lugar" como "arenas para expressão dos conflitos e contradições inerentes à diversidade de culturas nas cidades contemporâneas" (p.143). Também são analisadas as rádios comunitárias existentes nos bairros populares da capital baiana, que são apontadas como uma "possibilidade de construção de entre-lugares para o encontro de diferentes, subvertendo as práticas das culturas dominantes e a produção de hegemonias universais" (p.148).

As manifestações da cultura popular são elencadas no sétimo capítulo. O texto apóia-se em entrevistas realizadas nos bairros populares de Plataforma, Ribeira e Curuzu, na cidade de Salvador. São comentadas a religiosidade e as festividades dos bairros a partir do exame tanto do catolicismo popular quanto das tradições afro-brasileiras. No primeiro bairro as atividades da Associação dos Moradores da Plataforma

foram examinadas. Quanto ao segundo bairro, a festa da Ribeira é comentada juntamente com as atividades do Clube de Regatas Santa Cruz. O caso do Curuzu é o mais interessante, pois traz a discussão sobre o bloco Ilê Aiyê, que elevou a auto-estima da comunidade negra da cidade, sua relação com o candomblé e, sobretudo a realização da sede do bloco, que conta com oito andares e uma área construída de 5.000 m², tendo recebido o apoio de empresas públicas e privadas como a Petrobras, a Schincariol e a Claro.

O penúltimo capítulo trata das representações sociais e é mais teórico. Inicialmente são discutidos os espaços de representações a partir da contribuição de Lefebvre e sua trilogia (espaço percebido, concebido e vivido); segue pela discussão da "geografia das representações sociais", dialogando com Goodney e Gold, assim como E. Relph. Os espaços cognitivos são analisados a partir da contribuição de Bourdieu (conceito de habitus) e de Cosgrove. Os mapas cognitivos e as redes sociais são analisados através dos aportes de K. Lynch, L. Burckhard, R. Downs, D. Stea e L. Ferrara. O capítulo é concluído com exemplo dos espaços de representação dos pescadores de Morro de São Paulo, Bahia, a partir dos resultados da pesquisa de Luciana Souza.

O livro é concluído com o capítulo intitulado "Digressões", que é dividido em quatro partes. A primeira digressão é sobre os heróis da esquina, com o exemplo do bairro Goutte d'Or, que concentra imigrantes magrebins e africanos em Paris. A segunda digressão trata do "espaço público, cultural e cidadão", com comentários sobre o Parque de La Villette, também em Paris. A terceira digressão é sobre as bases da república

francesa: a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Como elemento de discussão, o autor utiliza um filme sobre a morte de um jovem pela polícia em um conjunto da periferia de Toulouse e a reação dos seus habitantes. A quarta digressão é sobre os novos horizontes na periferia de Paris e são destacadas as novas iniciativas culturais realizadas nessas periferias: filme de curta-metragem e programa de TV. O autor conclui com o resultado de uma pesquisa realizada por M. Kokoreff junto aos jovens de 15-20 anos, residentes na periferia, que revela, além da segregação, os sentimentos de exclusão e inferioridade (p. 194).

A bibliografia é bastante variada e é composta de 188 títulos, com maior predomínio de textos franceses e brasileiros, e entre os últimos, muitos são resultados de pesquisas realizadas em Salvador.

Diante do exposto, é possível concluir que o livro, cujo título focaliza o espaço público, privilegia sobretudo a questão dos parques públicos. As diferenças entre a utilização e a apropriação desses espaços nos diferentes contextos são reveladas, embora possa-se questionar, à primeira vista, se essas realidades são comparáveis. Trata-se, porém, de uma contribuição que amplia a discussão sobre uma temática que preocupou, inicialmente, aos filósofos, e que tem sido debatida também por estudiosos das ciências sociais, entre as quais a geografia. É um livro, portanto, de interesse para os estudantes e profissionais da geografia, arquitetura, urbanismo, planejamento urbano, sociologia, antropologia, psicologia, ou seja, para as disciplinas que se debruçam sobre as questões espaciais.

Notas

¹ Professor Associado, Departamento de Geografia UFBA; Professor Permanente do Mestrado em Geografia da UFBA e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Pesquisador CNPq.

Trabalho enviado em agosto de 2007

Trabalho aceito em setembro de 2007